



Trabalhos Científicos

Título: Tendência Temporal Da Incidência De Sífilis Gestacional E Congênita Em Santa Catarina Entre 2008 E 2018

Autores: Isadora Nack Borba / UNISUL; Lia Zumblick Machado / UNISUL; Samantta Silvano Pereira / UNISUL; Daiana Gomes de Sousa / UNISUL; Henrique Guimarães Aires e Silva / UNISUL; Chaiana Esmeraldino Mendes Marcon / UNISUL;

Resumo: Introdução: A sífilis é uma doença infectocontagiosa, causada pela bactéria *Treponema Pallidum*, que pode ser transmitida por via sexual ou vertical. Costuma ter maior gravidade em gestantes e crianças nascidas de mães portadoras da doença e está associada a piores desfechos neonatais. A maioria das complicações causadas pela infecção pode ser prevenida com detecção precoce e tratamento adequado com penicilina. Objetivo: Analisar a tendência temporal da morbidade e mortalidade por sífilis gestacional e sífilis congênita, no estado de Santa Catarina, no período de 2008 a 2018. Material e método: Realizou-se estudo ecológico, a partir das notificações de sífilis gestacional e sífilis congênita, nos anos de 2008 a 2018, no estado de Santa Catarina. Os dados foram obtidos a partir dos bancos de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação e dados demográficos por intermédio do DATASUS. Resultados: A macrorregião do Grande Oeste teve a maior taxa de sífilis gestacional, com 118,21/100 mil habitantes no ano de 2018. A maior taxa de sífilis congênita foi de 139,06/100 mil habitantes, na macrorregião da Grande Florianópolis, no mesmo ano. A faixa etária de 15 a 19 anos teve a maior média, com taxa de 79,10/100 mil habitantes. A escolaridade com maior destaque foi o ensino médio completo, com uma taxa de 14,94/100 mil habitantes. Houve predomínio na raça branca, para sífilis gestacional e congênita. Apesar das ações de saúde implantadas, a sífilis permanece como causa importante de mortalidade gestacional e congênita. Isso pode ser demonstrado, pelo aumento da incidência no estado de Santa Catarina, com o aumento da taxa de incidência da sífilis gestacional de 4,99 no ano de 2008, para 86,76/100 mil habitantes no ano de 2018. Nesse mesmo ano, a taxa de letalidade de 1,06/100 mil habitante por sífilis gestacional. Em relação à sífilis congênita, observou-se, em 2018, uma taxa de incidência de 74,72/100 mil habitantes e taxa de letalidade nula no período. Conclusão: Concluiu-se que a incidência de sífilis gestacional e congênita teve aumento no período de 2008 a 2018. O grupo mais afetado foi a faixa etária de 15 a 19, com nível escolar precoce de 5ª a 8ª série incompletos e cor branca. Ressalta-se que o diagnóstico e tratamento precoces são fundamentais para evitar a sífilis congênita e garantir assim a redução das taxas de incidência.